

UMA HISTÓRIA SOBRE PANDEMIA (COVID-19), ISOLAMENTO E FUNDAMENTOS MICROECONÔMICOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

A STORY ABOUT PANDEMIC (COVID-19), ISOLATION, AND MICROECONOMIC FUNDAMENTALS OF PUBLIC POLICIES

UNA NARRATIVA SOBRE PANDEMIA (COVID-19), AISLAMIENTO Y FUNDAMENTOS MICROECONÓMICOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo propor algumas hipóteses de estudo sobre o comportamento econômico e social em uma situação de crise sanitária. Estas hipóteses são pertinentes ao estudo de formulação de políticas públicas. A crise sanitária tratada é a causada pelo Covid-19. A história narrada passa-se na Espanha, em particular em Madri. O método usado é a do relato oral subjetivo na forma de roteiro ou da aplicação parcial do *storytelling*. O referencial analítico usado consta de modelos microeconômicos que lidam com tragédia dos comuns, comportamento econômico ampliado para altruísmo ou auto interesse limitado. As conclusões sumarizadas são as sugestões de hipóteses a serem testadas por métodos empíricos experimentais, estatísticos ou etnográficos.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19, ética, coevolução, sentimentos morais, políticas públicas.

Marcos Fernandes Gonçalves da Silva¹

marcos.fernandes@fgv.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4350-9918>

1. Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Artigo convidado

DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/cgpc.v25n80.81290>

ABSTRACT

This essay aims to propose some hypotheses on economic and social behavior in a health crisis situation. These hypotheses are pertinent to the study of public policy formulation. The health crisis treated is that caused by covid-19. The narrated story takes place in Spain, in particular in Madrid. The method used is that of subjective oral history in the form of a script or partial application of storytelling. The analytical framework used is microeconomic models that deal with the tragedy of the commons, expanded economic behavior with altruism or limited self-interest. The summarized conclusions are the suggestions of hypotheses to be tested by experimental, statistical or ethnographic empirical methods.

KEYWORDS: Covid-19, ethics, coevolution, moral sentiments, public policies.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo proponer algunas hipótesis de estudio sobre el comportamiento económico y social en una situación de crisis de la salud. Estas hipótesis son pertinentes para el estudio de la formulación de políticas públicas. La crisis de salud tratada es la causada por covid-19. La historia narrada tiene lugar en España, en particular en Madrid. El método utilizado es el de informes orales subjetivos en forma de guion o aplicación parcial de narración de cuentos. El marco analítico utilizado son modelos microeconómicos que abordan la tragedia de los bienes comunes, el comportamiento económico expandido hacia el altruismo o el interés propio limitado. Las conclusiones resumidas son sugerencias de hipótesis para ser probadas por métodos empíricos experimentales, estadísticos o etnográficos.

PALABRAS CLAVE: Covid-19, ética, coevolución, sentimientos morales, políticas públicas.

INTRODUÇÃO

Este *short paper* é um ensaio. Seu objetivo é levantar algumas hipóteses e sugerir três linhas básicas de pesquisa que podem ser subdivididas em várias outras. As áreas das linhas de pesquisa são políticas públicas e administração de empresas.

Por meio de uma narrativa baseada numa pequena história contada, o ensaio coloca problemas reais relacionados com a pandemia de Covid-19 em Madri, Espanha, e aborda uma parte da literatura microeconômica que trabalha com um modelo de ação racional que vai além do “Homem” Econômico Racional.

A metodologia é, portanto, baseada parcialmente em *storytelling*. O objetivo de tal abordagem é levantar problemas e questões indutivamente.

As conclusões, que são as sugestões de pesquisa, são investigações em cooperação, empatia e desigualdade usando métodos quantitativos, comparando países; investigação sobre empatia e formação de alunos de diversos cursos de graduação ao início e final do curso; e avaliação do ensino de ética em escolas de negócios.

METODOLOGIA

Este ensaio possui uma característica peculiar. A partir da narrativa de uma história baseada numa experiência individual, a do autor, levantam-se questões relacionadas a políticas públicas, tanto no que se refere aos seus aspectos positivos, bem como a normativos. Neste sentido, utiliza-se aqui, mesmo que de forma limitada --pois não há interlocução, apenas narração--, um método de contar histórias. Este referencial analítico pode ser usado, por meio da indução, para prospectar hipóteses a serem estudadas cienti-

ficamente (estatisticamente, por meio de quantificação, estudo de caso, experimento ou imersões etnográficas), principalmente quando tratamos de objetos que encerram maior complexidade, isto é, que têm uma interação ampla de variáveis de causação num mesmo instante de tempo e ao longo do tempo (Jones & Crow, 2017 e Suzuki, Feliú-Mójer, Hasson, Yehuda, & Zarate, 2018).

A narrativa apresentada revela a experiência do autor, na Espanha, em particular em Madri, durante o início da pandemia de Covid-19 em 2020. A partir de suas impressões pessoais, serão colocadas, com base na literatura específica ao tema central do ensaio, hipóteses de estudos em particular pertinentes ao caso brasileiro. Contudo, note-se, podem ser aplicadas as hipóteses a serem colocadas a qualquer país, comunidade ou sociedade.

Estas hipóteses estão relacionadas ao estudo do papel do altruísmo, auto interesse limitado moralmente, na conduta econômica e social, em situações de crise ou não. São apresentadas, durante a narrativa colocada, referências na literatura econômica sobre temas relacionados a empatia, cooperação e sentimentos morais.

Por outro lado, há uma característica de relato oral neste ensaio, que o aproxima da metodologia de fontes usadas em história oral. O problema é que existe, em história oral, uma separação entre o relator dos fatos e a pessoa que ouve; aqui trata-se de um monólogo. Porém, mesmo com tal limitação, pode-se considerar este tipo de abordagem válida como elemento de busca para evidências indutivas.

Não obstante, relatos oriundos de trabalhos de história oral podem ser um insumo para a elaboração de hipóteses analíticas, passíveis de serem testadas empiricamente (Nyhan & Flinn, 2016). São alimento para o pensamento, enfim, mesmo quando possuem características literárias. Referências aqui seriam Alexievich (2017, 2019), cujos relatos podem servir para levantamento de hipóteses de estudo não somente em história, mas em ciências humanas em geral, comportamentais em particular.

A narrativa aqui oferecida também tem como objetivo o levantamento de hipóteses a serem estudadas empiricamente. Há uma anedota que descreve bem o método aqui empregado. Um filósofo alemão fica trancado em sua sala de estudos, imaginando como o mundo é, como é uma feira livre, uma farmácia, uma repartição, a rua; um filósofo anglo-saxão sai para a rua, visita o mercado (realiza algumas compras) e vê como o mundo prático, empírico se manifesta.

David Hume e Adam Smith coletaram evidências indutivas para a elaboração, aí sim, de hipóteses e para a formulação de teorias, na rua (uma interessante referência para entender o método e a formação recíproca de ambos os escoceses é Rasmussen, 2017). Este meu caminhar e narrar aqui neste ensaio vão nesta direção.

Cabe uma breve e final observação metodológica e de estilo: em determinados trechos da história narrada, utiliza-se a primeira pessoa do singular, o que, do ponto de vista de trabalhos acadêmicos, nem sempre é desejável. Contudo, aqui há a peculiaridade de que o caso foi estruturado a partir de uma narrativa pessoal. Portanto, ao longo

da apresentação, propositadamente, o texto oscilará entre a primeira pessoa do singular e o sujeito indeterminado.

A HISTÓRIA

Saí de São Paulo no início de março, em direção a Madri. O que conhecia até então sobre a epidemia era o que estava nos jornais e nas redes. Não tinha muito a percepção do que estava acontecendo realmente, apesar de saber da gravidade em função do que ocorria na China e Itália, principalmente. Ao chegar no aeroporto, comecei a notar os primeiros sinais, intuitivamente, do que iria acontecer. Pessoas com máscaras, muitas inadequadas, como sabemos. Em geral, a não ser máscaras especiais, essas máscaras comuns são perigosas, ficam úmidas e podem potencializar uma infecção, dizem os especialistas. Ademais, quem preferencialmente deve usá-las são pessoas que suspeitam estar resfriadas ou infectadas e profissionais da saúde e que lidam com muitas pessoas.

Contudo, uma sensação que já havia tido antes começou a manifestar-se. Em 11 de setembro de 2001, estava em Nova York e dirigia-me, às 7h30 da manhã, para um café da manhã num restaurante que ficava no último andar de umas das torres do WTC. Não preciso dizer o que aconteceu. Obviamente o metrô não parou na estação e fui parar no Brooklyn, do outro lado do rio. Ao sair do metrô e olhar para o céu azul percebi um enorme rastro de fumaça. Algo estava acontecendo.

Da última vez que fui a Nova Orleans, saí um dia antes de as autoridades fecharem tudo por conta do Katrina. Também tive

aquela sensação no ar. Sim, dois raios, três, vários podem cair no mesmo lugar. Em mim, no caso.

A literatura que trata sobre como raciocinamos e interpretamos em geral os acontecimentos no dia a dia é vasta atualmente. Tendemos a trabalhar com modelos estabelecidos, fazendo correlações simples entre variáveis. Até por questões evolucionárias, alguns argumentam, isso é racional (Kahneman, 2013). Contudo, quando nossa zona de conforto se rompe, esses modelos usados para organizar os fatos, estabelecer causalidades, não funciona. Também se argumenta, na literatura estabelecida, que tendemos a ser bayesianos (Pearl & Mackenzie, 2018) ou, em outros termos, quando um evento se repete sempre achamos que ele se repetirá no futuro, o que também é razoável do ponto de vista da nossa evolução. Acontece que tanto a indução, como a correlação, tem seus limites, tanto para a produção do conhecimento científico, que deve basear, por exemplo, a formulação de políticas públicas, bem como para a solução de problemas diante da adversidade.

O estudo dos processos de causalidade são particularmente complexos nas ciências sociais, como em epidemias, em que há vários fatores causais ao mesmo tempo atuando, com defasagem no tempo. E esses fatores são biológicos e sociais. Por esta razão, a comunicação clara e objetiva por parte dos formuladores de política pública, incluindo políticos, aparentemente é importante para minimizar comportamentos de manada, que se traduzem em comprar máscaras que faltarão aos profissionais de saúde e estocar álcool gel, independentemente de que no curto prazo haja deficiência de oferta ou em

desrespeito a isolamentos recomendados pela literatura e experiência epidemiológica.

Por outro lado, a própria natureza de um evento como uma epidemia, no caso uma pandemia galopante, aparentemente cria nas pessoas a sensação que muitos tinham, segundo alguns historiadores, logo após o assassinato do arquiduque Ferdinando, de que a guerra seria tranquila e breve.

Quando cheguei em Madri também a percepção do que estava a ocorrer era um tanto ambígua. Na primeira semana de março, a vida corria normalmente: pessoas frequentavam bares, academias, restaurantes e andavam pelas ruas. Madri é uma cidade com elevada densidade populacional, logo você sempre vê muita gente nas ruas.

Contudo, a mudança desse quadro foi rápida. Ao final da semana já observava menos pessoas nos espaços públicos e gente com máscaras e, claro, o álcool gel havia sumido das farmácias.

A segunda semana de março foi a da inflexão, tanto do ponto de vista da minha percepção do que estava ocorrendo, bem como da ação das autoridades públicas. No final dessa semana, a emergência foi declarada e, na sequência, a política de isolamento social, com fechamento de tudo menos comércio de alimentos, remédios. E aí começou: a realidade se impôs.

Do ponto de vista da teoria e evidência microeconômicas, o fenômeno da escassez de alguns produtos, quando ocorre algum evento catastrófico, está bem sedimentada, de modo que é incorporada, na forma de exemplos e casos, em livros texto de intro-

dução à economia e de microeconomia aplicada às políticas públicas. Há um aumento da demanda devido à expectativa de falta do produto, aumento esse que bate no trecho inelástico da curva de oferta. Vale dizer, os preços começam a aumentar e não há como suprir o mercado. No limite, acaba todo o estoque do produto. Ao contrário do senso comum, não é a ganância que faz o preço subir – embora atravessadores possam interferir no processo. Na ponta da indústria há custos marginais crescentes e, portanto, as firmas vão produzir mais do bem, álcool gel por exemplo, pois o preço de mercado compensa o custo marginal crescente.

Porém, ao contrário da crença de que o mercado resolve tudo, em situações limites devem haver políticas públicas compensatórias, não de tabelamento de preços, o que cria mercado paralelo e não resolve o problema, mas de aumento da oferta do produto, mobilizando o setor privado e os laboratórios estatais. Na Espanha, esta foi a estratégia adotada inicialmente e funcionou. Ademais, há um bem substituto ao álcool gel, que é o vinagre de limpeza, diferente do vinagre que se usa como tempero, cuja concentração de ácido acético é elevada.

A partir do dia 16 de março, quando saía sozinho aqui em Madri (somente é permitido sair sozinho na rua) para ir ao supermercado e farmácia, comecei a entrar em vários estabelecimentos à procura do álcool gel. Ele reapareceu, com o mesmo preço de mercado, lembrando que não havia tabelamento até então. Como professor e pesquisador de microeconomia aplicada às políticas públicas, eu já tinha um exemplo prático para dar aos meus estudantes. Mas resisti à tentação e apenas comprei um frasco de

500 ml. Poderia comprar outros? Sim, mas me senti moralmente constrangido.

O papel da ética e do constrangimento moral na conduta econômica e social é tema da economia desde *A teoria dos sentimentos morais*, de Adam Smith (1759). A literatura econômica tradicional, em particular a microeconômica, trabalha com a hipótese do Homem Econômico Racional (homo sapiens, para não reduzir ao gênero masculino), que a partir de agora será designado por HER. A fundamentação do HER começa com John Stuart Mill e é consolidada, com a ideia de individualismo metodológico, por J. A. Schumpeter (Silva, 2002). Schumpeter atribui a esta categoria o individualismo metodológico, uma função meramente instrumental. Seu objetivo é explicar o comportamento coletivo a partir do individual. Quando esta hipótese não se aplica, pragmaticamente falando, Schumpeter abre mão dela. Por exemplo, ele faz isso para construir sua teoria sociológica do empreendedor. O HER é uma hipótese instrumental, de um indivíduo abstrato, ao qual se acrescenta um algoritmo comportamental: o agente busca maximizar lucro ou utilidade utilizando os melhores meios possíveis. Neste sentido, a teoria econômica tradicional utiliza um egoísmo instrumental: o comportamento dos agentes é visto como algo voltado à satisfação das necessidades estritamente individuais. É um “faz de conta” (*as if*).

Ao longo do tempo, tanto no ensino de microeconomia, como no nível da produção e divulgação científicas, muitos economistas promoveram uma entropia da informação, com consequências sobre a formulação de políticas públicas. Trataram a hipótese

instrumental do HER como uma descrição do comportamento real, seja lá o que for o real, das pessoas e como requisito normativo. Vale dizer que as pessoas devem ser (*must be*) egoístas. Racionalidade, como consistência entre meios e fins, passa a ser confundida com egoísmo moral. Este tipo de confusão já foi criticada há tempos (Sem, 1977). Contudo, ela ainda persiste nos livros que são usados nos cursos de economia e correlatos, promovendo até mesmo alguns desvios morais na formação de profissionais, que são treinados para serem egoístas, para não terem empatia (Rubinstein, 1977, 2006).

É necessário demarcar uma hipótese comportamental instrumental de um preceito moral a ser seguido, uma regra de conduta a ser adotada. Uma coisa é fazer de conta que os agentes são sempre egoístas; outra, que eles devem (*ought to be*) sê-lo. Mill considera que há um certo realismo em supor que, quando se trata de economia, as pessoas *tendem* a ser mais egoístas. Há evidência sobre isso (álcool gel escasseado, por exemplo). Em situações normais e, principalmente, nas limite, de pânico, aparentemente vale mais o lobo de Hobbes do que os sentimentos morais de Smith. Porém isso não quer dizer que as pessoas de carne e osso são sempre egoístas e, muito menos, que devem ser egoístas, repito (Schefczyk & Peacock, 2010).

No desenho de quase mercados e de contratos, de políticas portanto, economistas costumam supor o HER, pois é mais prudente. Em geral, há comportamento oportunista. Assim ocorre quando, por exemplo, pessoas compram mais de um produto do que precisam por pânico, pois acham que os outros farão o mesmo. Esse tipo de ação é plenamente

racional diante de um movimento de manada. Isso não quer dizer que ela é desejável. Pelo contrário, isso indica falha de mercado e necessidade de intervenção do governo.

Contudo, há uma literatura relativamente recente, em teoria dos jogos evolucionários, antropologia econômica e estudos de cooperação, que supera estas limitações da teoria convencional a partir de um modelo de comportamento econômico mais realista e mais geral, que volta aos fundamentos da economia de Adam Smith de *A teoria dos sentimentos morais*.

Parte dessa literatura argumenta, partindo de evidências arqueológicas, experimentais e genéticas, que humanos produzem equilíbrios cooperativos quando há um grande número de indivíduos envolvidos numa interação estratégica (Bowles & Gintis, 2013). O comportamento empático não é somente explicado por razões egoísticas, como no dilema de prisioneiro, ou somente por empatia com relação às pessoas geneticamente mais próximas. Sim, temos empatia visceral pelos familiares e amigos, mas também temos alguma por quem não conhecemos. A própria evolução genética teria colocado nossa espécie como única ao nos dispor ao obediência de uma ética do bem comum e dos valores coletivos.

Ao contrário de outras espécies, intrinsecamente ligadas à lógica da evolução e ao gene egoísta -- ou, colocando de outra forma, ao algoritmo da evolução --, a nossa cria valores e instituições endogenamente. No trabalho, bem como na vida social, nós punimos o egoísmo extremo, tendemos a isolar indivíduos que somente pensam em si como sociopatas e psicopatas. Mas não

somente nesses casos extremos. Quando vamos numa festa de final de ano, num jantar, e há uma pessoa que sempre pede o prato mais caro (a conta é dividida pela média) ou um indivíduo que sai antes de pagá-la, nós encaramos e avaliamos estas pessoas negativamente do ponto de vista moral. Há uma coevolução nossa e das instituições que criamos, inclusive as informais. Valores morais ou expectador imparcial de Adam Smith (Khalil, 2001) podem ser colocados nesta categoria. Alguns manuais de microeconomia já incorporam esta ideia (Bowles, 2003).

Ao encontro dessa literatura, há vários artigos acadêmicos, baseados em experimentos, que relacionam sentimentos morais e interesses materiais. A cooperação não deriva somente de interesses egoísticos, mas de laços de reciprocidade. Essa literatura é importante, na prática, para o desenho de contratos implícitos a políticas de microcrédito, por exemplo, em que a imposição de um custo moral, no caso reputacional, pode ser usada para minimizar a inadimplência de receptores de crédito. Sim, constrangimentos morais, que coevoluíram com a evolução biológica da nossa espécie, são fatores relevantes na explicação de diversos comportamentos econômicos e têm consequências práticas na formulação de políticas (Gintis, Bowles, Boyd, & Fehr, 2005). Experimentos com crianças, simulando o “jogo do ultimato” mostram que, num jogo com repetição, elas tendem a valorizar moralmente como melhor a opção de dividir, digamos, guloseimas, de forma mais equitativa entre elas. Há a percepção de egoísmo entrando em conflito com empatia. Neste caso, o colocar-se no lugar do outro (empatia) leva ao equilíbrio mais equalitário. Equilíbrio cooperativo

prevalece sobre o competitivo, ou o “ganha, ganha” sobre o “ganha muito e perde muito”.

Na última semana, entre os dias 23 de março até dia 27, lembrei-me que uso, com os alunos de introdução à microeconomia em administração pública, o jogo do ultimato. Nada mais epidérmico. Todos os dias vejo as coletivas de imprensa do governo espanhol, no canal do *YouTube* do *El País*. Comunicação clara, transparente, dura, mas que sempre vem acompanhada de mensagem de empatia para com os doentes, claro, mas também para com os profissionais de saúde, operários de fábricas, motoristas de ônibus, entregadores de comida e produtos comprados *on line*. Isso é importante, pois as autoridades fazem um discurso que vai além da empatia pela sua avó, tia avó, ou seu avô, seus filhos (sim, pois o vírus não tem preferências) parentes enfim, mas que valoriza a comunidade, o bem comum e o outro.

A hipótese, transformada em ideologia, de HER, de um ser amoral, que não deve se limitar normativamente, não é encarada pela literatura atual, como vimos acima, como razoável. Adicionalmente, na formulação de políticas públicas, pelo paradigma do HER, devemos somente supor que os indivíduos são oportunistas e egoístas. Contudo, esta abordagem, quando se torna uma ideologia, produz na vida prática das pessoas uma situação em que a valorização do bem comum, do coletivo, fica em segundo plano e gera uma deterioração ética (Bowles, 2016).

Incentivos importam para explicar boa parte da ação econômica, social. Ensinamos isso aos alunos, da graduação à pós-graduação. Principalmente quando falamos de regula-

ção de empresas, oligopólios, monopólios naturais, concorrência. Contudo, bons cidadãos ajudam. Bons cidadãos são indivíduos com auto interesse limitado. Mais uma vez, a evidência empírica e experimental fornece elementos para combinar aquilo que, no senso comum, chamamos de civismo, com interesses individuais.

Quando pensamos em situações como a tragédia dos comuns ou no dilema do prisioneiro, agentes meramente guiados por motivos egoísticos até podem gerar um equilíbrio cooperativo, dizem assim a teoria e a evidência experimental. Mas a mesma teoria e a evidência nos mostram que este equilíbrio é instável. Agentes que limitam seu auto interesse podem gerar equilíbrios cooperativos mais robustos, inibindo, por assim dizer, estratégias dominantes que os impeliriam à competição ou à quebra do equilíbrio cooperativo.

Cheguei em Madri, pela primeira vez, antes dessa que seria minha estadia mais prolongada para um sabático, no início de 2019. Era minha primeira vez na cidade. Passeando, eu e minha esposa, com um casal de conhecidos madrilenos, notei algo peculiar: em várias construções, recém-reformadas e pintadas, bem como na Catedral de Santa Maria a Real de Almudena que fica em frente ao Palácio Real, há marcas meio arredondadas nas paredes, como se fossem buracos sobre os quais passaram massa mas, ao pintar e renovar as construções, os buracos, pintados com uma cor levemente cinza, propositalmente continuavam evidentes. Perguntei sobre isso para eles e a resposta foi-me surpreendente: eram buracos de bala, sim bala, rifle, revólver, metralhadoras, da Guerra Civil Espanhola. Memória, senso de coletividade,

de dor coletiva.

Comecei a pensar que sociedades mais igualitárias, em que a maior parte das pessoas, inclusive da elite econômica, frequenta escola pública, desenvolve um senso de empatia e de noção de bem comum e República. Lembrei-me do capítulo 5 de *Raízes do Brasil* (Holanda, 2012), o do Homem Cordial (HC), conceito tão torturado pela má interpretação e entropia de informação.

O HC pode ser encarado, numa visão econômica ou, mais geral, de teoria da escolha racional, como um agente que confunde o público com o privado, na medida em que a paixão invade o espaço da razão. A República é o *locus* onde todos deveriam ser tratados igualmente, de forma abstrata, racional, pelo Estado. O espaço da família, da casa, é o da paixão; a rua é o espaço da razão.

Noto, para finalizar este relato, que falta no Brasil, ao contrário daqui, uma comunicação, nesta crise, mais empática, porém republicana, que reforce o senso de comunidade e bem comum, algo que vai além de um certo familismo. Porém, suspeito, numa sociedade muito desigual, em que há nas cidades sistemas informais de *apartheid*, que não haja empatia de parte significativa das elites para com a maioria. Mas, como afirmei no início deste ensaio, aqui faço somente uma narrativa, com todas as suas limitações analíticas, mas com a função de levantar hipóteses para pesquisas científicas, a partir de intuições que vêm das ruas. Nas conclusões, coloco sugestões de pesquisa nesse sentido e noutros.

CONCLUSÃO

Este *paper* é um breve ensaio, especulativo, baseado numa narrativa, portanto, em percepções pessoais. Logo, possui limitações. Contudo, como afirmado no, seu objetivo era também levantar algumas hipóteses de pesquisa empírica, portanto, científica.

Primeiramente, há indicadores indiretos, *proxy*, de cooperação na sociedade, tais como o *Trust* (<https://ourworldindata.org/trust>) e o GovData360 do World Bank (https://govdata360.worldbank.org/indicators/ha5376100?country=BRA&indicator=41334&viz=line_chart&years=2017,2019) que podem servir para estudos comparativos entre países, com o intuito de contrapor dados econômicos e sociais a variáveis que tentam medir, com todas as limitações naturais, bem comum, propensão à cooperação e capital social. Em particular, sugiro pesquisas quantitativas relacionando estes indicadores à desigualdade, usando-se Gini ou Theil, para testar a hipótese da antipatia brasileira, colocada ao final da narrativa acima.

Em segundo lugar, sugiro experimentos comparados para avaliar empatia entre estudantes de Administração de Empresas, Administração Pública e do campo de pública, Economia, Direito, Saúde Pública, Medicina e Ciências Sociais. Precisamos avaliar, ao entrar na graduação, em coorte, como estes estudantes entram, em termos de valores morais, empatia, e como eles saem, uma vez graduados, nesses mesmos termos. Podem-se aplicar questionários psiquiátricos para avaliar comportamento de psicopatas, com o intuito de medir empatia e antipatia no início da graduação e a seu final.

Em terceiro lugar, avaliar como a ética está sendo abordada em cursos de negócios,

pois há algo que não coloquei acima na narrativa pessoal, mas que agora coloco. Na Espanha é impensável ver um executivo, CEO ou empresário fazer afirmações como as que observamos no Brasil, sobre contenção da epidemia. Portanto, há espaço para vasta pesquisa acadêmica sobre formação ética dos estudantes de Administração em vários níveis, assim como de executivos e empresários. Pode-se também pensar em estudos comparativos internacionais, com a colaboração entre universidades.

Em quarto lugar, não é uma agenda de pesquisa, mas de discussão curricular. Precisamos mudar a forma de ensinar microeconomia em cursos de administração e da área de pública e provavelmente também trabalhar, de forma mais simples, usando casos reais e práticos, pois os modelos são complexos, com o modelo ampliado de co-evolução.

REFERÊNCIAS

- Alexievich, A. (2019). *Last witnesses: An oral history of the children of world war II*. New York, NY: Random House.
- Alexievich, A. (2017). *The unwomanly face of war: an oral history of women in world war II*. New York, NY: Random House.
- Bowles, S. & Gintis, H. (2013). *A cooperative species: Human reciprocity and its evolution*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Bowles, S. (2003). *Microeconomics: Behavior, institutions, and evolution*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Bowles, S. (2016). *The moral economy: Why good incentives are no substitute for good citizens*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Gintis, H., Bowles, S., Boyd, R., & Fehr, E. (eds.) (2005). *Moral sentiments and material interests: The foundations of cooperation in economic life*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Holanda, S. B. H. (2012). *Roots of Brazil*. South Bend, Indiana: Notre Dame University Press.
- Kahneman, D. (2013). *Thinking, fast and slow*. New York, New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Khalil, E. (2001). Adam Smith and three theories of altruism. *Recherches économiques de Louvain*, 67(4), 421-435. doi: 10.3917/rel.674.0421
- Klimecki, O., Mayer, S., Jusyte, A., Scheeff, J., Schönenberg, M. (2016). Empathy promotes altruistic behavior in economic interactions. *Sci Rep* 6, 31961. doi: <https://doi.org/10.1038/srep31961>
- Jones, M. D., Crow, D. A. (2017). How can we use the 'science of stories' to produce persuasive scientific stories?. *Palgrave Commun.* 3, 53. doi: <https://doi.org/10.1057/s41599-017-0047-7>.
- Nyhan J., Flinn, A. (2016) *Why oral history?. In Computation and the Humanities*. Springer Series on Cultural Computing. Springer, Cham.
- Rasmussen, D. C. (2017). *The infidel and the professor: David Hume, Adam Smith, and*

the friendship that shaped modern thought. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Rubinstein, A. (2017). Comments on economic models, economics, and economists: remarks on economics rules by Dani Rodrik. *Journal of Economic Literature*, 55(1): 162-72. doi: 10.1257/jel.20161408

Rubinstein, A. (2006). Dilemmas of an economic theorist. *Econometrica*, 74(4), 865-883. Recuperado de www.jstor.org/stable/3805911

Scheffczyk, M., & Peacock, M. (2010). Altruism as a thick concept. *Economics and Philosophy*, 26(2), 165-187. doi: 10.1017/S0266267110000180

Sen, A. K. (1977). Rational fools: A critique of the behavioral foundations of economic theory. *Philosophy & Public Affairs*, 6(4) 317-344. <https://www.jstor.org/stable/2264946?seq=1>

Silva, M., F. G. da (2002). A epistemologia da economia teórica em Schumpeter.

Brazilian Journal of Political Economy. 22 (85) 109-130. http://www.rep.org.br/search.asp?txt_busca=Marcos+Fernandes+Gon%C3%A7alves+da+Silva

Smith, A. *Theory of moral sentiments (1759, 2010)*. London, UK: Penguin Classics.

Suzuki, W. A., Feliú-Mójer, M. I., Hasson, U., Yehuda, R. & Zarate, J. M. Z. (2018). Dialogues: The science and power of storytelling. *Journal of Neuroscience*, 38(44), 9468-9470. doi: <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.1942-18.2018>.

Dados:

Our World in Data: <https://ourworldindata.org/trust>

The World Bank, Social Capital, Data GovData360 Indicator, Score on the Social Capital: https://govdata360.worldbank.org/indicators/ha5376100?country=BRA&indicator=41334&viz=line_chart&years=2017,2019